

“A FLORESTA DAS PARTEIRAS” E SEUS BASTIDORES: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ELIANE BRUM

Autores: Vitória Pierri¹, Gabriella Zauith²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

1vicpierri@hotmail.com, Jornalismo; 2gabriella.lopes@baraodemaua.br

Resumo

O presente trabalho tem como base identificar técnicas de produção em jornalismo literário, na obra da jornalista Eliane Brum. O objeto foi o texto *A floresta das parteiras*, do livro *O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real* (BRUM, 2008). A análise de conteúdo foi feita a partir de categorias “deadline” e a “escuta do jornalista”, criadas a partir do texto “*Reportagem por cesariana*”, em que a autora descreve os bastidores de sua reportagem.

Introdução

Sem consenso de quando surgiu oficialmente o jornalismo, como afirma o jornalista e escritor Felipe Pena, “o fato é que os relatos orais são a primeira grande mídia da humanidade” (PENA, 2007, p. 45). “Para muitos pesquisadores, ele começa junto com a primeira comunicação humana, ainda na pré-história. Mas outros localizam o início muito mais tarde, entre os séculos XVIII e XIX, quando suas características modernas já podem ser identificadas. Ou seja, quando os jornais já possuem periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade. (PENA, 2007, p. 44).

Nesse sentido, Ciro Marcondes Filho (2001 apud PENA 2007, p. 45) propõe cinco épocas para o jornalismo. A primeira é a pré-história da profissão (1631-1789), com “uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro”. Já a segunda se denomina como o primeiro jornalismo (1789-1830), abordando conteúdos literários e políticos, além de “texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores, políticos e intelectuais”.

Por sua vez, o segundo jornalismo (1830-1900) é chamado de “imprensa de massa” e “marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa”. Na terceira época, o chamado terceiro jornalismo (1900-1960) é denominado de “imprensa monopolista”, com “grandes tiragens, influência das relações

públicas, grandes rubrica políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado”. Por fim, o quinto período corresponde ao quarto jornalismo, a partir de 1960, e é marcado pela tecnologia, informação eletrônica e possibilidade de interação com a mesma, além de “mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita”.

A partir de tal panorama, Pena (2007) identifica maior envolvimento do jornalismo com a literatura no primeiro e segundo período da atividade. “Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não só comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais”. (PENA, 2007, p. 47)

Balzac, Victor Hugo, Stendhal, e outros escritores, para Pena (2007, p. 48), podem ser chamados de pioneiros do jornalismo literário, “se classificarmos como tal um gênero que se caracteriza pela publicação de literatura nas páginas de jornais”.

Nesse sentido, Felipe Pena (2007, p. 49) aborda o conceito de estrela de sete pontas, em que sete itens caracterizam o jornalismo literário. O primeiro se trata de “potencializar os recursos do jornalismo”, onde as técnicas narrativas do jornalismo diário são melhor desenvolvidas, e assim, as estratégias ganham aspecto de novidade. “O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas”. (PENA, 2007, p. 49).

O segundo item da estrela já foi citado anteriormente, onde aconselha atravessar os acontecimentos do dia a dia. Já a terceira ponta da estrela, visa promover amplitude para enxergar a realidade. “Mas não entenda por visão ampla um pleno conhecimento do mundo

que nos cerca. Qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, unia interpretação, por mais completa que seja. A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2007, p. 49).

Praticar a cidadania é a quarta ponta da estrela, que é uma obrigação do jornalista literário, afirma Felipe Pena. “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é um clichê. Chama-se espírito público. E é um artigo em falta no mundo contemporâneo”. (PENA, 2007, p. 50).

Também no jornalismo literário, o lead, “uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século passado com o intuito de conferir objetividade à imprensa” (PENA, 2007, p. 50) e presente já no primeiro parágrafo do texto jornalístico, não recebe tanto enfoque quanto no jornalismo diário. Em uma reportagem literária, o jornalista tem maior liberdade e criatividade para relatar a notícia. “A fórmula realmente tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído. A opinião ostensiva foi apenas substituída por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. Para a socióloga Gaye Tuchman, por exemplo, a objetividade nada mais é do que um ritual de autoproteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2007, p. 50).

Já o sexto item da estrela dá preferência a ouvir pessoas comuns, anônimas e acolhe perspectivas não levantadas frequentemente, em vez das fontes jornalísticas mais ouvidas, as chamadas “fontes oficiais”. “A sexta ponta da estrela evita os definidores primários. Eles são os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. São as fontes oficiais: governadores, ministros, advogados, psicólogos, etc. Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso”. (PENA, 2007, p. 50).

A sétima ponta do conceito de Felipe Pena é a perenidade. “Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (PENA, 2007, p. 50).

Ainda para além das definições da estrela de sete pontas, Pena (2007, p. 56) credita ao jornalismo literário, uma “linguagem musical de transformação expressiva e informacional”. “Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia”. (PENA, 2007, p. 56)

Tal narrativa diferenciada também é abordada por Edvaldo Pereira Lima (2014, p. 10), quando diz que o jornalismo literário “procura transcender o nível importante – mas meramente informativo – de uma boa parte da produção jornalística, para alçar voos de maior ambição” e “realiza esse propósito almejando maestria narrativa”.

Ao chamar o jornalismo diário e mais predominante de *jornalismo convencional*, Lima ressalta as diferenças na comunicação deste com o gênero literário. Enquanto o primeiro traz as informações em forma de resumo, o segundo já utiliza alguns recursos que colocam o leitor a par do acontecimento de forma quase que profunda. Para exemplificar como o jornalismo literário trabalha, Lima traz uma parte do texto *Bom-dia, Meu Nome é Sheila: Como Vencer no Telemarketing e Ganhar um Vale-coxinha*, de Vanessa Bárbara, onde o meio de contar a história é pelo recurso *cena*. “Bom-dia, meus guerreiros!”, ataca o professor Isaac Martins. Ele não admite alunos sonolentos. “Para ser grande profissionalmente, você precisa estar na tomada. Toda vez que eu disser ‘todo mundo ligado’, é pra bater uma palma e dizer: ‘Hail!’ Como os samurais”. A turma inteira responde: “Hail!”. É o primeiro dia do curso Operação de

Telemarketing. Pela participação, Fagner já ganhou quatro bombons. “Vou sair daqui e vender”, diz. “Pelo telefone”, completa um colega. (LIMA, 2014, p. 15).

Lima explica o que é possível entender com esse exemplo. “Como dá para perceber, a cena tem uma natureza visual. Em lugar de contar indiretamente o que aconteceu, mostra. Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor dentro do acontecimento. Busca fazer com que o leitor viva um pouco, pelo menos, o que o repórter presenciou. Reproduz o clima de como as coisas aconteceram, tem um dinamismo próprio. O que acontece tem movimento, as pessoas são retratadas com vivacidade”. (LIMA, 2014, p. 15).

Literatura da vida real

Experiência sensorial, com apelo da visão, audição, olfato e paladar, é o que o jornalismo literário deseja promover ao leitor, afirma Lima. A obra *O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real* (BRUM, 2008), objeto do presente trabalho, também é uma indicação do autor em seu livro *Jornalismo Literário para Iniciantes*, para que os leitores conheçam mais sobre tal gênero.

Outra característica do jornalismo literário, segundo Lima (2014, p. 23) é a “qualidade lírica e poética, sim, quando oportuna, mas sem perder o foco na realidade”, que, na leitura da reportagem *A floresta das parteiras* é possível observar como Eliane Brum utiliza as palavras, como no seguinte trecho. “Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de suas cantigas. Muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas leem a mata, a água e o céu. Emergiram dos confins de outras mulheres com o dom de pegar menino. Sabedoria que não se aprende, não se ensina, nem mesmo se explica. Acontece apenas. Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos amparam um pedaço do Brasil. O grito atávico, feminino, ecoa do território empoleirado no cocoruto do mapa para lembrar ao país que nascer é natural. Não depende de engenharia genética ou operação cirúrgica, não tem cheiro de hospital. Para as parteiras da floresta, que guardaram a tradição graças ao isolamento geográfico de seu berço, é mais fácil compreender que um boto irrompa do igarapé para fecundar moça donzela do que aceitar que uma mulher marque dia e hora para arrancar o filho à força. (BRUM, 2008, p. 19).

Além disso, para Edvaldo Pereira Lima (2014, p. 23), no jornalismo literário, o jornalista também é escritor “um autor com voz e estilo próprios”. Ele diz que “essa característica contrasta com o jornalismo convencional, no qual, em geral, o repórter é condicionado a escrever a matéria de um jeito impessoal, até mesmo frio e seco”. Essa estratégia literária pode ser observada em outro trecho da reportagem de Eliane Brum, onde demonstra entrosamento suficiente com o assunto que aborda. “A floresta das parteiras é uma terra de cantorias. “Quem disse que não somos nada, que não temos nada, já se enganou. Repare nós organizadas e bem preparadas com as parteiras estou...”, cantarola na voz espichada do Norte Tereza Bordalo, 51 anos, cinco filhos e cinco netos, parteira desde os dezesseis. Misteriosa como todas, ela levanta as mãos ao céu e traça uma cruz invisível na vagina da mulher, o dente de jacaré balançando perigosamente entre seios de madona profana”. (BRUM, 2008, p. 30).

Também quando Eliane dá total ênfase e valor à descrição detalhada das personagens da reportagem, é feito o que Lima diz: “O grande destaque no jornalismo literário é para o ser humano. São as pessoas que ancoram a matéria. São elas que dão vida real às histórias. Por isso, damos tanta atenção às pessoas nas nossas matérias” (2014, p. 24). “Ao darmos destaque às pessoas, conseguimos com que o leitor se identifique com elas. Isso é o que atrai à leitura. E, se o leitor se identifica com os personagens das nossas histórias, tem a oportunidade de descobrir nelas alguma coisa sobre si próprio. Conhecer o outro é conhecer a si mesmo. Ler sobre as experiências de outros seres humanos, por mais distante da nossa realidade, é conhecer um pouco mais a espécie humana. E, quando aprendemos algo a mais sobre a humanidade, estamos iluminando a compreensão sobre nós mesmos. (LIMA, 2014, p. 24)

No artigo intitulado *O Olho da Rua: o jornalismo literário na obra de Eliane Brum*, os autores Luan Pazzini Mendonça e Anelise Zanoni Cardoso, determinam sete características a partir das análises dos autores Lima (2009), Pena (2008) e Carlos Rogé Ferreira Júnior (2003), sendo elas exatidão e precisão, humanização, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, criatividade e responsabilidade ética. “A autora nos coloca dentro dos acontecimentos e escreve como uma jornalista literária que apresenta uma capacidade de observação especial. A publicação das reportagens brinda-nos com histórias surpreendentes, repletas de

simplicidade e a realidade é evidente. Ela nos confirma que a vida pulsa na rua. (MENDONÇA; CARDOSO, 2016, p. 14)

Eliane Brum

Eliane Brum é um dos perfis representantes do jornalismo literário no Brasil. A jornalista, escritora e documentarista, nascida em 1966 no município de Ijuí, no Estado do Rio Grande do Sul, é uma das mais premiadas jornalistas brasileiras. Já passou pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre, onde trabalhou por onze anos como repórter, e pela revista Época, em São Paulo, como repórter especial por dez anos, na qual também foi colunista do período de 2009 a 2013.

Além disso, desde 2010, a jornalista atua como freelancer e desenvolve projetos com povos tradicionais da Amazônia e das periferias da capital paulista. A repórter também mantém coluna no jornal El País América, desde o ano de 2013, quando também começou a ser colunista no periódico do Brasil, até 2021, quando este fechou. Também desde 2018 tem espaço como colunista no El País na Espanha. Eliane Brum ainda atua como colaboradora de jornais e revistas da Europa e Estados Unidos.

Com oito livros publicados, e apenas um do gênero romance, sendo os outros de não ficção, Eliane Brum tem seu trabalho reconhecido por mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, entre eles o Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU em 2008, foi três vezes ganhadora do Prêmio Comunique-se, cinco vezes do Troféu Mulher Imprensa, e três vezes do Prêmio Cooperifa e do Prêmio Orilaxé. Ainda em 2021, recebeu o Prêmio Maria Moors Cabot, da Columbia University School of Journalism de Nova York (EUA), o prêmio de maior importância no jornalismo das Américas e também o mais antigo do mundo. Assim, a jornalista segue sendo um dos maiores nomes do jornalismo literário no Brasil, e com projeção internacional, sendo que em 2019 teve seu primeiro livro de reportagens em inglês publicado nos Estados Unidos e Reino Unido, o *The Collector of Leftover Souls*.

O livro *O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real* foi publicado em 2008, pela Editora Globo, e relançado em 2017 pela Arquipélago Editorial. A obra reúne dez reportagens da autora, publicadas no período em que ela trabalhou na revista Época, que mostram a “literatura da vida real” através de seu olhar sensível. São histórias das periferias

das cidades grandes do Brasil e de suas florestas, como a floresta amazônica. O livro é um importante exemplo do jornalismo literário para estudantes de jornalismo e profissionais já formados.

Objetivo

Análise de obra literária *A floresta das parteiras* (BRUM, 2008), do livro *O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real*, de 2008. Foram utilizadas as categorias de “deadline” e a “escuta” do jornalista, com base no texto de bastidores *Reportagem por cesariana*, da reportagem *A Floresta das Parteiras*, como forma de identificar uma técnica de produção de Eliane Brum em jornalismo literário.

Materiais e Métodos

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental (GIL, 2008). A metodologia utilizada é a análise de conteúdo de dois textos do livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*: 1) *Reportagem por cesariana*, um texto dos bastidores da produção das reportagens contidas no livro e o texto *A floresta das parteiras*; 2) *Identificação das categorias “deadline” e “escuta” presentes na reportagem A floresta das parteiras*; 3) *Análise das categorias no texto Reportagem por cesariana*.

Tais categorias analisadas no presente artigo, foram definidas a partir da leitura do texto *Reportagem por cesariana* que traz o relato pessoal de Eliane Brum sobre a produção de sua reportagem. Nestes bastidores, Brum dá ênfase à importância da “escuta” para a matéria, o que chamou a atenção para a forma sensível que a repórter conta a história tendo o ouvir como parte central.

Já a categoria do “deadline” foi definida a partir da frustração da autora em não ter acompanhado um parto realizado pela parteira mais antiga do Amapá, devido ao prazo final estabelecido para a reportagem e data de partida da região, para outra entrevista já marcada. Nesse caso, o “deadline” interferiu na produção da reportagem, ainda que Brum diga que não há justificativa para isso.

Resultados e Discussão

De acordo com os bastidores da reportagem *A floresta das parteiras*, descrito no texto

Reportagem por cesariana, do livro *O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real*, de 2008, da autora Eliane Brum, escutar é mais do que a audição, um dos cinco sentidos humanos.

“Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras – e do silêncio. Escutar é também não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que a gente gostaria ou com a clareza que a gente desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que a gente pensava que diriam. Escutar é não induzir as pessoas a dizer o que gostaríamos que dissessem.” (BRUM, 2008, p. 37).

É por meio dessa perspectiva da escuta, que a autora traduz em palavras e quase que de forma poética, a vida e o trabalho das parteiras durante a reportagem, como nestes trechos: “O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de suas cantigas” (BRUM, 2008, p. 19) e “A cabocla Jovelina só tem dois assombros na vida. Quando fala neles, até se dá ao luxo de suspirar” (BRUM, 2008, p. 27).

Segundo a repórter, em *A floresta das parteiras*, o ato de escutar, englobando “prestar atenção em cada gesto, ênfase, trejeito” (BRUM, 2008, p. 38) foi sua principal função para contar a história das mulheres da floresta. Além disso, de forma geral, Eliane destaca a categoria da escuta como protagonista de sua atividade jornalística, como declara nos bastidores da reportagem: “Como repórter – e como gente –, eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar é saber escutar a resposta” (BRUM, 2008, p. 38).

Com essa perspectiva, o ato de observar “a riqueza da linguagem das parteiras do Amapá e a forma como cada uma se expressa toma o lugar central da reportagem”, afirmam Mauro de Souza Ventura e Tayane Aidar Abib (2015, p. 146).

“Na maior parte das circunstâncias, o jornalista imprime o ritmo de sua pauta e até mesmo preestabelece as respostas: o interlocutor é conduzido a tais resultados. O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa. O que efetivamente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo decidiu (...). Estamos longe da rede de comunicação em que se resgate a presença da pessoa, se abram canais para os testemunhos anônimos” (MEDINA, 2008: 8 apud VENTURA; ABIB, 2018, p. 144).

Ainda nesse sentido, segundo Jerusa de Oliveira Michel e Margareth de Oliveira Michel (2015, p. 4), mesmo com a diversidade humana

em nossa sociedade, o olhar do jornalista torna as histórias em “mais do que relatos subjetivos, são notícias, são acontecimentos”. Com isso, ao documentar de forma precisa o papel das parteiras no Amapá, Eliane Brum tornou tal relato em notícia, em reportagem, com função histórica e cultural, também.

“As parteiras do Amapá fazem parte de uma comunidade que traz consigo memórias e experiências de vida – muitas alegres, muitas sofridas – de uma das atividades mais tradicionais do Brasil, a que se ocupa de trazer os seres humanos ao mundo por meio do nascimento, uma atividade baseada na simplicidade, onde as próprias parteiras desenvolvem suas artes e seus instrumentos de trabalho criando uma cultura e uma identidade própria”. (MICHEL; MICHEL, 2015, p. 7).

Já sobre o aspecto do deadline (prazo final para entrega do material jornalístico), é preciso entender que o gênero reportagem pode ser mais trabalhoso físico e emocionalmente, além de que, frequentemente “toma tempo na seleção das melhores fontes, leitura de documentos, conversa com os diferentes protagonistas e personagens envolvidos na história, exigindo que seja captado o ambiente onde ocorrem ou ocorreram os acontecimentos” (MICHEL; MICHEL, 2015, p. 5).

Tal prazo norteia toda a produção de uma reportagem, sendo que, por vezes, pode dificultar uma apuração ou maior detalhamento. No caso de Eliane Brum, foi diante do deadline, que a repórter perdeu um parto feito pela parteira mais antiga do Amapá, a dona Dorica. Acompanhada da fotógrafa Denise Adams, Eliane tinha apenas quatro dias para fazer a matéria, e depois partir em viagem para São Luiz – Maranhão, para entrevistar a então governadora do estado, Roseana Sarney, como conta nos bastidores.

“Quatro dias na Amazônia são um nada. As distâncias são enormes, difíceis, a natureza impõe respeito. E o tempo da cidade ou o deadline da redação são uma sandice que eles nem compreendem. Se a gente tenta explicar, dão um sorrisinho simpático, para não magoar. Mas não levam a sério. Hoje eu teria só mandado o recado: a gente vai ficar aqui até o bebê da Ivaneide lapará achar que está na hora de vir para o mundo. Desmarcava a entrevista com a Roseana, e era isso. Ficaria lá, ouvindo as histórias da dona Dorica, pitando à toa, esperando com ela até o parto acontecer”. (BRUM, 2008, p. 36).

De certa forma, o deadline dificultou que Eliane acompanhasse o parto da gestante Ivaneide lapará.

“A escritora, na “A floresta das parteiras” (BRUM, 2008, p.19), espaço que a autora usa para deixar uma reflexão própria sobre a reportagem apresentada, relata que para uma boa reportagem nascer é preciso de tempo, que inclui buscar a realidade dos personagens, fazer uma pesquisa um pouco mais avançada, coisa que acontece com pouca frequência nas redações de jornais. (MENDONÇA; CARDOSO, 2016, p. 12)

Além disso, ainda que a reportagem *A floresta das parteiras* seja enquadrada dentro do jornalismo literário devido aos seus recursos literários, e este gênero por sua vez, deseja “ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos” (PENA, 2006, p. 16), a autora se vê pautada pelo tempo disponível para a produção da reportagem, embora afirme que coisa alguma justifica perder o parto feito por Dorica.

“Mas era minha estreia na Época e tal, eu ainda estava entendendo o funcionamento das coisas e devo ter batido a cabeça em algum momento do voo para o Oiapoque. Não há nada que justifique ter deixado passar um parto feito pela parteira mais antiga do Amapá, uma índia caripuna de 96 anos, por causa de alguns dias e de uma entrevista com a Roseana Sarney (nada pessoal). Então, errei. Não esperei o parto da Ivaneide, não respeitei o parto da reportagem. E ela nasceu por cesariana. Toda reportagem tem seu tempo, a hora de acontecer”. (BRUM, 2008, p. 37).

Segundo Felipe Pena (2006, p. 36) o ato de “ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos”, indica que: “O jornalista rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem”. (PENA, 2006, p. 16)

Na reportagem, esse é o momento que Brum está indo embora do Amapá, e deixando de presenciar o parto, que em sua análise, foi um erro.

“A parteira da Amazônia dá adeus enquanto nossa canoa some no rio. A arara a observa de um galho, um bando de papagaios corta o céu aos gritos, uma menina se banha na água do igarapé preparando-se para a escola. É um dia comum. Dorica pousa a mão no velho coração e, pronunciando palavras silenciosas, arranca de lá a bênção aos que partem. Depois, dá as costas e vai pitar tabaco enquanto espera a hora em que o quinto filho da última barriguda da aldeia, a índia Ivaneide lapará, 33 anos, vai esmurrar a porteira do mundo pedindo passagem”. (BRUM, 2008, p. 23).

No texto *Reportagem por cesariana*, ela aborda a variável do tempo em uma reportagem.

“Não esperei o parto da Ivaneide, não respeitei o parto da reportagem. E ela nasceu por cesariana. Toda reportagem tem seu tempo, a hora de acontecer. Às vezes, não dá jeito. Se um avião cai, a gente faz o que o prazo permite, e a revista desembarca na banca com a melhor reportagem possível sobre o assunto da semana. Mas numa reportagem sobre parteiras é preciso respeitar o tempo do parto. É a realidade que impõe o andamento da reportagem – e não o contrário. E compreender o momento, esperar o tempo, é também a diferença entre ser bom repórter ou não. Minha reportagem por cesariana, ainda assim, é um filho bonito. Porque minha pressa de obstetra com agenda lotada foi parcialmente compensada pelo respeito à linguagem das parteiras.” (BRUM, 2008, p. 37).

Conclusão

A obra de Eliane Brum mostra que, com as categorias analisadas, “deadline”, e “escuta”, se encontram em posições antagônicas. O “deadline”, como ferramenta e dinâmica do jornalismo noticioso, irrompe com a premissa do prazo, independente do que a produção estaria disposta a desenvolver, ou estar necessitando de mais tempo hábil para compreender e destacar elementos de uma reportagem. “A escuta” se configura como um elemento da literatura, encontrada no jornalismo literário, envolta em subjetividade e no tempo necessário para seu acontecimento, sem se deixar levar por imposições da redação e do fechamento do jornal, e portanto contrária à sua premissa. O objetivo foi identificar técnicas de produção em jornalismo literário na obra de Eliane Brum.

Referências

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MENDONÇA, Luan Pazzini; CARDOSO, Anelise Zanoni. **O Olho da Rua: o jornalismo literário na obra de Eliane Brum**, 2015. XXXVIII

Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro – RJ. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1097-1.pdf>. Acesso em: 4 out 2021.

MICHEL, Jerusa de Oliveira; MICHEL, Margareth de Oliveira. **O Jornalismo como memória – um estudo a partir do gênero reportagem “A Floresta das Parteiras”**, 2015. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro – RJ. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2059-1.pdf>. Acesso em: 18 out 2021.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito, 2007. **Revista Comunicação e Documentários**, Rio de Janeiro – RJ, n. 17, p. 43-58. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241>. Acesso em: 1 nov 2021.

VENTURA, Mauro de Souza; ABIB, Tayane Aidar. A notícia como desacontecimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum, 2015. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 10, n. 3, p. 135-150. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/130>. Acesso em: 21 nov 2021.